

QUESTÕES MORAIS EM *LE CABINET NOIR* DE MAX JACOB

Pablo SIMPSON*

RESUMO: Este ensaio pretende apresentar o livro *Le Cabinet noir* de Max Jacob, livro de cartas ficcionais com comentários, a partir do lugar do julgamento moral: da boa conduta, dos princípios que governam os modos do agir. Tal lugar evidencia uma ambiguidade do projeto de Max Jacob: entre um certo catolicismo, de que foi praticante, e literatura de vanguarda. Por outro lado, aponta para as diversas contradições entre uma certa moral da preservação familiar ou das relações de amizade, virtudes ou atitudes cristãs e conveniências burguesas. Por fim, situa a dimensão do desejo face às indagações de René Girard no ensaio *Mensonge romantique et vérité romanesque*.

PALAVRAS-CHAVE: Max Jacob. Literatura Francesa. Vanguarda. Epistolografia. Moral.

Le Cabinet noir, “o gabinete negro” na tradução de Luiz Dantas ([20--]) desse livro de cartas de Max Jacob, é expressão que designa, como se sabe, várias coisas. Espaço do trabalho intelectual, com suas luzes possivelmente apagadas. Quarto sem janelas a que se destinavam crianças inquietas – essa a primeira acepção do dicionário Grand Robert (2012), que cita um trecho do *Jean Santeuil* de Proust. Câmara escura, aparelho ótimo ou lugar para revelar o que se fixou no filme fotográfico. É ainda um serviço que procedia na abertura de cartas por ordem governamental, prática coetânea do surgimento dos correios. Na França, foi chamada por Luís XV de *Gabinete secreto do correio*. Encarregava-se, até o período de Napoleão III, de transmitir ao governo trechos comprometedores ou que representassem ameaça à ordem religiosa e institucional. Rede de espiões, especialistas em criptografia, desbaratada somente com a popularização dos

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Departamento de Letras Modernas. São José do Rio Preto – SP – Brasil. 15054-000 – simpson.pablo@gmail.com

serviços no século XIX, quando se tornou inviável selecionar correspondências para a inspeção regular.

O *Gabinete negro* de Max Jacob lida com todos esses sentidos. As mais ou menos trinta cartas ficcionais, a maioria delas acompanhada por um comentário, são espaço de criação intelectual admirável. Situam-se em tempos diversos, algumas no século XIX ou no XVIII, no reinado de Henrique IV, ou no século IX. Multiplicação de escritas que o autor tece habilmente: da mãe para a filha, dando-lhe conselhos de como vestir-se ou segurar o marido, do pai para o filho, cortando-lhe a mesada depois de descobrir que compartilham da mesma prostituta, da empregada quase analfabeta à sua patroa, explicando-lhe porque foi embora sem se despedir. Escritas diferentes, mesmo diante da codificação francesa para cartas habituais. Com inflexões, estilos, lógicas distintas. Virtuosas em sua capacidade expressiva, deixando cada personagem assumir a sua linguagem, os seus trejeitos, em cartas por vezes com resposta, evidenciando o embate de estilos e de estratégias. A mais espetacular, a bula de um papa do século IX, mimetizaria os textos eclesiásticos da época, com comentários eruditos quanto aos termos empregados. Na “Carta do poeta moderno”, há o pastiche dos textos de vanguarda. Noutros instantes, Max Jacob serve-se da técnica da colagem, para que os conselhos de moda da mãe para a filha pareçam os mais apropriados. É momento de humor leve e habilidade do escritor, restituído pela tradução cuidadosa. Cito um trecho:

Saí às compras em Paris, então, e trouxe duas dúzias de toucas leves para você. Achei Paris tão escura e tão vulgar! Pouquíssima elegância até no teatro. Em suma, a cintura continua sempre indefinida e as saias mais estreitas em baixo que no alto, com tendência à meia anquinha e a tufar, principalmente os vestidos de noite.¹

Um outro sentido, o da travessura infantil e sua punição, percorre já a primeira troca de cartas: do pai que interrompe a mesada do filho, inconformado que Louise, sua amante, mulher difícil de agradar, esteja saindo com ele:

Com respeito à conclusão do curso secundário, se sua mãe insistir, vocês resolvam sozinhos; o meu filho, em suma, já está em idade de ganhar a vida. Quanto a mim, não me interessa dar dinheiro a meu filho para que ele se divirta com as mulheres que conheceu junto comigo e que, mais ou menos, são minhas. (JACOB, 1968, p.14).

¹ Remeto à edição original de *Le Cabinet noir* de Max Jacob (1968, p.31), embora sirva-me da tradução do Prof. Luiz Dantas (inédita). Todas as traduções são minhas, com exceção daquelas de *Le Cabinet Noir*, da edição inédita de Luiz Dantas. Este ensaio foi escrito originalmente para o *Colóquio Luiz Dantas*, IEL-UNICAMP, 2009.

É interessante lembrar que a manifestação de um universo infantil faz parte do projeto literário de Max Jacob, como chamaria atenção a sua crítica. Está na alternância entre pseudoingenuidade e sentido construtivo. Para um poeta convertido ao catolicismo depois da aparição do Cristo na parede de seu quarto, mesmo a representação religiosa retomará uma preocupação com a juventude ou com o jogo. Lembro do poema “Verdadeira juventude” publicado em *Laboratório Central* ou de um outro, intitulado “A bola” do livro *Últimos poemas*. Para dizer que a religião em Max Jacob está na maior parte do tempo distante da busca angustiada de um poeta como Pierre Reverdy, com quem conviveu no período de seu retiro na abadia de Saint-Benoît-sur-Loire. Universo infantil, ainda, que traduz um motivo frequente das cartas do *Gabinete negro*: o ensinamento moral. Há uma carta intitulada “Resposta do abade de X... a um rapaz desanimado”, por exemplo, que chega mesmo a propor a conversão do rapaz, que apenas pretende passar nos exames. Para desespero da família, sugere que “qualquer hora roubada aos estudos pela oração é benéfica”, e que o catolicismo tem uma grande vantagem: a possibilidade de cometer o pecado, confessar-se e obter o perdão. Num dos trechos, o abade convocaria Nietzsche e o cinema na tentativa de persuadir o menino:

As revoluções do século XIX sacudiram tudo; a tradição sobreviveu por muito tempo, embora sendo destruída a cada geração, reduzida a tal ponto a nada que não se sabe mais onde está o bem, onde está o mal. O cinema exhibe bandidos para que aplaudamos; a guerra glorificou a força e a esperteza. Os jovens, inclinados a verificar a exatidão de tudo o que papai e mamãe ensinaram, leem em Nietzsche que o homem superior possui todos os direitos. Perguntam a si mesmos se não seriam “um homem superior”. Se eu for um homem superior, o que devo fazer para fazer bem? E se não for? Devo então me tornar um grande bandido como X... no cinema? (JACOB, 1968, p.196-197).

O terceiro sentido do *Cabinet noir*, relacionado com a fotografia, ou com uma certa arte do retrato – e, de certo modo, com a escuridão que revela – norteou o universo de um livro hoje esquecido de Max Jacob, intitulado *Cinematoma*. Na citação anterior, está nesse lugar do cinema como oferta de modelos morais ou imorais. Evidentemente, percorre a produção artística do poeta, que viveu a partir dos anos 1930 da venda de aquarelas e desenhos. Encontra-se, do mesmo modo, num certo olhar ágil que a experiência do cinema vai proporcionando à literatura de vanguarda. Lembro que a segunda aparição do Cristo se deu, conforme relata o poeta, na sala de um cinema.

Vous allez donc alors au Cinématographe
Me dit un confesseur, la mine confondue.
– Eh! mon Père! Le Seigneur n’y est-il pas venu?

Você vai então a um Cinematógrafo,
Me disse um confessor, com ar confuso.
– Meu Padre! Mas não foi lá que o Senhor apareceu? (JACOB, 1964, p.66).

Em *Gabinete negro*, chama a atenção o que há de encenado em muitas das cartas, das personagens que dizem uma coisa para dar a entender outra; também para o fragmento que cada uma delas restitui sobre uma situação, como se fossem fotografias às quais responderia o movimento mais amplo de contextualização oferecido pelo comentário. Fotografias que se revelam ao leitor, fixadas na câmara escura.

O cinema aparece, além disso, numa carta de um figurante que escreve a um amigo tentando bancar o galá. Nela conta a discussão filmada entre uma estrela húngara e um fotógrafo, que acha que a jovem não tem naturalidade. Isso para indicar uma oposição tão presente na reflexão de Max Jacob, entre invenção literária e uma certa sinceridade, a um só tempo espontânea e obtida através do artifício, que seria o estatuto da verdadeira arte.

A fotografia, por sua vez, é assunto de uma “Carta sem comentários”. Trata-se de uma resposta da mãe ao retrato enviado pelo filho, sentado no banco de trás de um automóvel. Aos poucos, vamos descobrindo que se trata possivelmente de sua prisão. O rapaz é um ladrão fugitivo. A ele a mãe pede que reze, de vez em quando, para Deus, que protege os bons e os malvados.

Por fim, há o quarto sentido, mais abrangente, da repressão institucional. Dos mecanismos de controle e proibição, como se Max Jacob pressentisse o destino trágico que o faria vítima da violência de Estado no momento da ocupação alemã: obrigado a trazer na roupa, apesar de convertido ao catolicismo, a estrela de Davi; deportado posteriormente a um campo de concentração, onde morreria. Não que haja violência dessa ordem nas cartas. Mas o comentário é esse lugar da busca de indícios, interpretação de fisionomias, julgamento de ações. Na “Carta do poeta moderno”, o diálogo da mãe com o tio Adolphe, trazido nessa espécie de posfácio que assume ares de trama romanesca, fala da necessidade de “fiscalizar” Maurice, para evitar o seu possível desvio moral – aqui da ordem da moral burguesa – isto é, o poeta, filho da família Fayot, importante no ramo das máquinas lixiviadoras, quer esposar uma “mulher da

vida”. Encena-se um diálogo epistolar – já bastante amplo, capaz de apontar para o contexto do remetente ou do destinatário – para, em seguida, oferecer uma outra instância, interposta entre a correspondência e o leitor, no intuito de julgá-lo, interpretá-lo.

É uma primeira leitura, como revelaria o comentário da carta da princesa Arianovitch: leitura de um curioso que sente “o odor das virtudes”. Leitura daquele que quer descobrir e explicitar as motivações profundas. Nesse sentido, uma frase resume o interesse geral desse lugar no *Gabinete negro*: “Muitos conhecem perfeitamente a maquinaria administrativa, em compensação mal o coração humano.” (JACOB, 1968, p.124). Cabe ao comentarista investigar esse coração ou, como afirmaria o narrador de um outro livro de Max Jacob, intitulado *O homem de carne e o homem reflexo*: de fazer um pouco “a moral velada” “*Ne croyez pas qu’il y ait jamais rien eu d’indécent dans ma vie, c’est pourquoi je me permets de faire un peu de morale voilée à mes contemporains.*” (JACOB, 1994, p.11). É na tensão, portanto, entre a leitura que faz do acontecimento e aquela que poderíamos fazer dele que, me parece, encontra-se um dos centros de interesse desse conjunto de cartas – escritas, aliás, por um notável epistológrafo, como nos permite entrever a sua correspondência com Jean Cocteau, Marcel Jouhandeau, dentre várias outros.

Gostaria de desdobrar apenas algumas considerações que dizem respeito a esse lugar do julgamento moral: da boa conduta, dos princípios que governam os modos do agir, dos comportamentos e valores que as personagens vão assumindo. A primeira delas, de ordem mais geral, é o fato de as cartas encenarem a possibilidade de transmissão de um ensinamento, ainda que dos mais simples. É a mãe que pede ao filho criminoso que pare de roubar. É a operária que, ao escrever para o filho do patrão, “raiozinho de sol da sua vida”, afirma: “Minha tia Jeanne diz que o sofrimento faz a gente pensar melhor; então, é seguro e certo que estou pensando bastante melhor neste momento, porque estou com o coração que é um sofrimento só, seu Fernand.” (JACOB, 1968, p.68).

São como pequenos instantes de sabedoria, que se espalham aqui e ali. Um outro trecho, que não resisto em citar, encontra-se no comentário feito à carta da viúva Gagelin: “Bem sei que, ao inocular o amor pelo luxo em nossas crianças, podemos levá-las ao desânimo, e as meninas em particular, ao adultério, ao divórcio, à aversão e ao abandono dos filhos.” (JACOB, 1968, p.40).

O embaraço da leitura desses comentários – daí a segunda consideração – é que não sabemos de que lugar eles vêm. A primeira hipótese, do Max Jacob convertido e afim à prática de uma literatura edificante, até pode parecer razoável em alguns momentos, como no comentário da primeira carta sobre o pai que corta a mesada do filho, quando constata: “Vejam o que faz das famílias o divórcio e a vida sem Deus” (JACOB, 1968, p.16). Mas na carta da viúva Gagelin, o comentarista é certamente irônico. Num dos momentos, afirma:

O que esperam da conversa de uma mãe com a própria filha? Virtude, religião, educação? Mas isto todos conhecem, fica subentendido! Pois então, não acham muito mais belo que ela comunique às crianças o gosto chic; e arme a filha com alguns dos meios de defesa que as mulheres possuem contra os homens; através dos cuidados encantadores de seus dotes? A acusação de leviandade, já aliás levantada, cai por terra. (JACOB, 1968, p.38)

O lugar dos comentários, portanto, evidencia essa ambiguidade do projeto de Max Jacob: entre um certo catolicismo, de que foi praticante, e literatura de vanguarda. Em primeiro lugar, porque não se trata claramente da sobreposição autor/comentarista. Há máscaras por todo lado, como em sua poesia. Uma delas, aliás, apropriada para compreender esse distanciamento: do *clown* farsesco ou do louco, como num dos títulos previstos para *Les Pénitents en maillots roses*, “O *clown* no altar”, conforme observação de André Blanchet (JACOB, 1964, p.65). Se temos a impressão de um diálogo, em virtude dos comentários, com uma tradição séria que remonta à exegese religiosa ou às interpretações bíblicas de Paul Claudel, como na última carta sobre a bula papal do século IX, e que permite vislumbrar em cada personagem a sua “situação espiritual”, como afirmaria André Blanchet (JACOB, 1964, p.19), tal diálogo é frequentemente rebaixado. Dedicase a assuntos aparentemente fúteis. Amplia os episódios romanescos com detalhes que não constam apenas das cartas. Confronta motivações menores e razões gerais. Ainda que possamos deparar com uma exaltação religiosa, portanto, num comentário como o da carta de um sargento que dá ensinamentos sobre o casamento – “Francamente, reconheço que estou encantado ao ler esta carta”, “Ninguém se surpreenderá se os jovens retornarem a Deus, ao Deus dos humildes, ao Deus que é a única perfeição [...]” (JACOB, 1968, p.106) – há a incorporação de uma dimensão do cotidiano que é, a um só tempo, irônica e moral. Daí a conciliação que o comentarista encontra, por vezes, num catolicismo de valores humildes: na crítica, por exemplo, ao figurante que quer ser galã de cinema.

Por outro lado, o artifício coaduna-se com o que Montaigne chamaria de uma predisposição à perfídia, não só porque estamos, através do autor, em contato com uma correspondência que talvez se preferisse particular – somos também nós *voyeurs* dessas pequenas desgraças – mas porque, em vários momentos, conjuga-se julgamento maledicente e condenação religiosa – “só o diabo é capaz de tirar algum proveito desses costumes todos”, afirmaria.

Mas o julgamento moral é ambíguo também por um outro motivo. Há nele uma alternância difícil, sem resultar em contradição para o texto – como observou Luiz Dantas numa tradução que fez de um poema de Jacob (DANTAS, 1998, p.13) – entre o que se poderia caracterizar através dos “códigos domésticos”, determinando as boas relações entre marido e mulher, pais e filhos, senhores e empregados e um outro código, também doméstico mas de caráter burguês. É conhecida a cruzada antiburguesa de Max Jacob, tão semelhante à de Mário de Andrade – sobretudo no “catálogo das espécies burguesas” que é o livro *Burgueses da França e outros lugares* (JACOB, 1932). O que um código e outro poderiam trazer como resposta à felicidade pessoal ou harmonia comunitária parece, assim, mudar a cada momento das cartas. A presença de personagens como Dominique Milionário ou o interesse por heranças, roubos domésticos, dotes, automóveis são alguns desses indícios. Num trecho, o comentador pergunta: “faamos de homens que sabem como se organizar na Sociedade para fazer fortuna; eles são admirados e merecem, não é verdade?” Noutros momentos, propõe:

Apreciar o luxo é símbolo de grandeza de alma. Julgar as pessoas pelo mais ou menos luxo que ostentam, é julgar a própria capacidade que têm de ganhar dinheiro, e ganhar dinheiro, no fundo, é o que conta na vida, não? De mais a mais, com que outros meios poderíamos avaliar as pessoas? (JACOB, 1968, p.40).

Alternam-se, desse modo, com relação à moral da preservação familiar ou das relações de amizade, virtudes ou atitudes cristãs – jamais com um caráter prescritivo – e conveniências burguesas. Um *post-scriptum* de uma carta de mulher, datada do século XIX, produz esse movimento. Sentindo-se abandonada por seu amor, escreve-lhe:

Ao rezar em meu genuflexorio achei forças para t’o perdoar. Aquelle movel é legado de minha santa avôzinha, e as inspirações que proveem de sua pobre alma. Está tudo acabado, Marcel! tanto o odio quanto o amor. Porem, para evitar calumnias da sociedade nao trate com negligencia os meus saraus de quarta-feira. Em minha

physionomia serena, tu lerás sòmente sinais de dignidade fria e desdenhosa caridade. (JACOB, 1968, p.209).

Noutras cartas, aquilo que o comentarista chamaria de “espírito de sacrifício” deve ser saudado mesmo quando “impelido pela ambição”. Para ele, “o exercício do sacrifício nunca é inútil. O homem deve saber sofrer” (JACOB, 1968, p.39).

Finalmente, parece haver também uma contrariedade entre moral natural e moral revelada. Aqui se poderia abrir um parêntese para lembrar da violência que René Girard identificou na tradição romanesca: nas brigas entre irmãos, nas disputas amorosas, no desejo triangular. As cartas reunidas não são cartões postais ou relatos de viagem. Motivam-se por querelas de trabalho, desejos de nomeações públicas, pequenas fofocas, vaidades, infidelidades. Ao desejo mimético, oferecido pelo mediador “infernai”, como se sabe, René Girard (1961, p.231) opôs a possibilidade de escolher um outro modelo, divino – encontra-se, aliás, desde a epígrafe de *Mentira romântica e verdade romanesca*, onde cita Max Scherer: “O homem possui um deus ou um ídolo”. Evidentemente, Max Jacob está a par das ilusões de um desejo autônomo, espontâneo. A estrutura do romanesco é desvendada pelos comentários. É possível mesmo percorrer o humor que o autor extrai dessas paixões escravizadoras, por assim dizer, embora nem sempre fruto de uma mediação evidente – talvez porque o espaço restrito das cartas não permita desenvolvê-las ou porque não desconsidera o instinto sexual, que reconheceria como sem mediação. Trata-se, de todo modo, como observou René Girard (1961), de uma sacralização perversa ou transcendência desviada. Daí a miséria da juventude sem deus, como diria o poeta em “Verdadeira juventude”, citando Pascal (GIRARD, 1961, p.244). Ou como está no “teorema do autor” do livro *Burgueses da França*: “o burguês francês perde suas virtudes na proporção em que adquire paixões” (JACOB, 1932, p.31).

O interessante, entretanto, é que não parece haver em *Gabinete negro* o lugar resguardado do desejo metafísico, expresso através de uma linguagem purificadora. Não há uma moral artística no desnudamento que René Girard identificou como um caminho da reconciliação entre indivíduo e mundo, homem e sagrado – sobretudo em Proust: “A memória afetiva é o Julgamento final da existência proustiana [...] A memória é a salvação do escritor e do homem Marcel Proust.” (GIRARD, 1961, p.98). Não apenas pela inexistência de um ideal ascético em *Gabinete negro*, incapaz de pregar – senão através da voz de um outro, em meio a tantos mais – o

controle dos desejos. Mas porque esse lugar possível da “má consciência” é delegado ao comentário, que também é irônico. Apesar de próximo da sátira de costumes, da ideia do castigo obtido através do riso – e o abade do texto lembra da virtude católica de algumas personagens de Molière – há um lugar do divertimento que não se opõe a essa consciência. Para o comentarista: “Ora, gostar de se divertir não é, como se poderia acreditar, sinal de falta de reflexão ou de consciência, mas muito pelo contrário, símbolo de uma grande profundidade.” (JACOB, 1968, p.41).

Divertimento que o comentarista faz notar dez vezes nas duas cartas da viúva Gagelin, irônico ainda uma vez. E que nos leva a prosseguir na leitura de cada uma dessas cartas, à espera de momentos como o do episódio relatado por um médico a um amigo de profissão:

Quero também falar sobre os sentimentos do doente com relação ao seu médico em geral, e os presentes em particular. O uso de presentes – Deus seja louvado! – está começando a desaparecer: o bronze artístico, o tinteiro monumental, o vaso de porcelana de Sèvres. Na morte de seu avô Adolphe, presentamos o doutor Ballu, que você conheceu, com dois vasos de Sèvres, confesso que bastante feios, embora de muito valor, ao que parece. O doutor Ballu que fora atenciosíssimo, você pode se lembrar, subitamente tornou-se fechado e frio. Sua mãe soube pela empregada da sra. Aimée que ele estava esperando aquele relógio de estilo Império que, durante tantos anos, permaneceu na vitrine da relojoaria do sr. Lecomte. Coitado do doutor Ballu! Conheci um confrade em Paris que colocava todos os presentes em sua sala de visitas, na esperança de que alguém lhe roubasse ao menos um bronze. Pobre infeliz, isto nunca aconteceu! Muito ao contrário, os pacientes baseavam-se no que viam em sua casa para lhe dar presentes no mesmo gosto. (JACOB, 1968, p.96-97).

Moral questions in Max Jacob's Le cabinet noir

ABSTRACT: *This essay aims at presenting the book *Le Cabinet noir* of Max Jacob, a book of fictional letters with comments, taking into consideration the moral judgment: right conduct, principles that govern modes of action. This strategy demonstrates the ambiguity of Max Jacob's project: divided into a certain Catholicism, which he practiced, and avant-garde literature. On the other hand, this study points to the various contradictions such as a certain morality towards the family preservation or friendship, virtues or Christian attitudes and bourgeois conveniences. Finally, it establishes the dimension of desire in face of René Girard's questionings in the essay *Mensonge romantique et vérité romanesque*.*

KEYWORDS: *Max Jacob. French Literature. Avant-garde. Epistolography. Moral.*

REFERÊNCIAS

DANTAS, L. Falsas novas! Fossas novas!. **Modelo 19, revista de tradução**, Araraquara, Ano 3, n.6, p.13-15, 1998.

_____. **O Gabinete negro**. Tradução de Le Cabinet noir de Max Jacob. [S.l.: s.n, 20--]. Mimeografado, inédito.

GIRARD, R. **Mensonge romantique et vérité romanesque**. Paris: Hachette, 1961.

JACOB, M. **L'homme de chair et l'homme reflet**. Paris: Gallimard, 1994.

_____. **Le Cabinet noir**. Paris: Gallimard, 1968.

_____. **La défense de Tartufe**: extases, remords, visions, prières, poèmes et méditations d'un Juif converti. Nouv. éd. introd. et notes par André Blanchet. Paris: Gallimard, 1964.

_____. **Bourgeois de France et d'ailleurs**. Paris: Gallimard, 1932.

LE GRAND ROBERT. Disponível em: <<http://lerobert.demarque.com/en/us/dictionnaire-en-ligne/>>. Acesso em: 20 set. 2012.

